

A CURRALEIRA ENQUANTO EXPRESSÃO CULTURAL DO CERRADO

CURRALEIRA: AN UNFOLDING OF THE POPULAR MANIFESTATION OF THE BRAZILIAN SAVANNA

João Nunes Avelar Filho*

RESUMO

A presente abordagem pretende fazer uma correlação entre o ecossistema natural e o cultural por meio da dança da Curraleira, um desdobramento das manifestações populares do Cerrado. No principal território por onde avança o agronegócio, existem vestígios de preservação ambiental e expressões culturais de pequenas comunidades rurais que ainda preservam seus costumes e suas tradições, diferente dos centros urbanos. A dança em si retrata padrões intrínsecos de preservação e revitalização e seria uma maneira razoável de compreender a problemática socioambiental. A ecolinguística, dentre todas as ciências ecológicas, talvez seja a que mais demande uma especialidade linguístico-cultural regional, devido ao atual estágio centralizador que ainda insiste em agrupar o conhecimento de maneira uniformizada. Nesse sentido, ela se interpõe enquanto visão ecológica de mundo e nos ajuda a compreender os constantes processos de transformação dos cenários na pós-modernidade.

Palavras-chave: Curraleira. Cultura popular. Meio Ambiente.

ABSTRACT

The present approach intends to make a correlation between the natural and the cultural ecosystems through the dance of "Curraleira", an unfolding of the popular manifestations of the Brazilian Savanna. In the main territory where the agribusiness advances traces of environmental preservation persist amid folk culture of small rural communities which still preserve their customs and traditions, different from the urban areas. The dance itself portrays intrinsic patterns of preservation and revitalization and would be a reasonable way of understanding the socio-environmental problem. Ecolinguistics among all ecologic sciences maybe the one that most demands a regional linguistic-cultural specialty, due to the current centralizing stage which still persists in grouping together

* AVELAR FILHO, J. N. Doutor em Língua e Letras pela Universidade Federal de Goiás.

knowledge uniformly. In this sense, it stands as an ecological vision of the world and it helps to understand the constant processes of transformation of scenarios in postmodernity.

Keywords: *Curraleira. Folk culture. Environment.*

1 INTRODUÇÃO

Muito tem sido falado a respeito da crise ambiental sem que se chegue a um diagnóstico razoável das reais causas. Alguns dizem que o problema está nos processos crescentes de urbanização, no desmatamento acelerado, no constante distanciamento do homem em relação ao meio natural. Porém, ao fazer essa reflexão foca-se mais no resultado da crise ecossistêmica do que nas práticas culturais, as quais podem revelar vestígios de preservação.

Seria, pois, necessário ir ao encontro das narrativas e costumes de grupos sociais ancorados na tradição como forma de entender o crescente desequilíbrio socioambiental. Nessa investigação procura-se averiguar a relação entre os ecossistemas natural e cultural por meio da dança da Curraleira e as atividades adjacentes a essa manifestação como forma de compreender o Cerrado, seu povo e suas tradições.

Argumenta-se aqui que um modo de vida voltado para o meio natural e a sua preservação pode ter relação intrínseca com os saberes e expressões culturais de um povo. Há nessa incursão, a ideia de identidade local e pertencimento, externados por meio da memória reconstituída pelas práticas culturais de comunidades originárias que ancoram as suas tradições nas manifestações como a que se pretende investigar nesta abordagem. Essas comunidades rurais sentem a necessidade de manter seus costumes, ameaçados por tantas mudanças no cenário rural, promovendo ações de preservação e revitalização do espaço por onde avança o agronegócio por meio de seu conhecimento popular. Diante disso, faz-se necessário delimitar o território onde acontecem essas festas populares para apresentar uma abordagem localizada, distinguindo-o de outros territórios existentes.

A dança da Curraleira há tempos é praticada na região do Nordeste Goiano, enriquecida de significados, da tradição do homem da roça, uma forma razoável de entender a crise socioambiental em seus desdobramentos. Arelada à manifestação de religiosidade popular conhecida como “Folia da Roça”, a tradição da dança permite fazer uma correlação do meio ambiente físico com o cultural, valendo-se de atos profanos típicos das folias do interior do Brasil.

Essa é uma maneira de entender a relação existente entre o povo e o seu território, sendo que tanto a língua quanto a cultura consistem em modos de interação que fazem a ponte entre os dois ecossistemas aqui elencados.

2 SITUANDO A CURRALEIRA

A dança da Curraleira teve sua origem no rebanho que deu origem ao gado “curraleiro” trazido pelos portugueses, e seu deslocamento pelas diferentes regiões do Brasil determinou um processo de seleção natural de populações distintas adaptadas às condições climáticas locais. É uma dança muito antiga e rústica, do tempo do Brasil Colonial na qual os dançarinos sapateiam todos ao mesmo tempo fazendo cantoria, algazarra, expressando sua alegria, naquilo que eles consideram uma diversão, conforme Avelar Filho (2015).

Durante o ciclo do gado, os tropeiros vindos do interior da Bahia paravam na região do semiárido goiano, atualmente microrregião geográfica do Nordeste Goiano, para descansar e

“dar de beber” aos animais que conduziam, aproveitando a ocasião para assar carne, cantar e dançar em volta do fogo, no acampamento improvisado. A dança é menos conhecida do que a catira, porém mais dançante, com a participação de instrumento de percussão (tambor ou caixa), pandeiro e viola.

Intimamente ligada ao homem do campo local, a Curraleira acontece durante a festa do Divino Espírito Santo, a Folia da Roça. A festa expressa espiritualidade e é uma importante manifestação de tradição, preservada ao longo dos anos em meio à união entre religiosidade e cultura popular. A folia se caracteriza pela mobilização de homens e mulheres que a pé, a cavalo, de bicicleta, carro ou carroça, com seus lenços vermelhos amarrados no pescoço e munidos de violas, violões, caixa (tambor) e rabeca, percorrem grandes distâncias na zona rural apresentando suas cantorias de pouso em pouso, uma vez por ano, durante dez dias. Dessa maneira, transformam o contexto rural local em um lugar de tradições, com uma variedade linguística e um rico ecossistema natural,¹ diferente da região centro-sul de Goiás

Nesse espaço, trabalhadores do campo, os foliões – sertanejos, roceiros, pequenos criadores de gado –, podem dar à sua experiência solidária um significado social, reinventando sua história de vida com a expressão própria de cada um, tornando possível o vínculo sociocultural quando se arremetem do individual ao coletivo.

Assim, nesse palco em que ocorre a relação do ecossistema natural e social com a linguagem do homem do interior, com suas tradições, seus mitos e suas crenças, a dança torna-se importante porque, ao praticarem-na durante os rituais da folia, fazem uma adaptação da tradição ibero-cristã² à realidade local que vai passando de geração para geração, na medida em que os mais jovens ainda interagem, consideravelmente, com os mais velhos.

Nessa interação o conhecimento não só das tradições da dança, mas também de tudo que a acompanha se estende a outras atividades do homem rural que vão além da festividade religiosa. As práticas socioambientais, o manejo dos animais de jugo, tanto para a cultura da lavoura quanto para a locomoção, a “treição”³ para o roçado ou para a construção de uma ponte, tudo coincide num só espaço durante o ano todo.

Diante disso, a dança da Curraleira exterioriza o conhecimento tanto das formas de adaptação nos níveis linguísticos ao ecossistema natural local quanto do ritualismo da reza, uma maneira de compreender o fenômeno da adaptação do homem religioso ao contexto rural na imensidão do Cerrado.

Ao usar o arcabouço teórico da Ecolinguística, procura-se aqui descrever esses processos interacionais em que essa categoria cultural se manifesta estabelecendo uma ligação forte do povo com o seu território, Couto (2007). A intenção é mostrar uma relação intrínseca entre a prática da dança e a preservação ambiental, permeadas pela ética da súplica⁴ presente na religiosidade popular,

¹ A região possui belezas naturais exuberantes pouco exploradas, como o Salto do Itiquira, uma cachoeira de queda d'água única (a mais alta do Brasil), a Toca da Onça, uma gruta enorme com inscrições rupestres pré-históricas, o Sítio Arqueológico do Bisnau e o Buraco das Araras. Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/se-voce-gosta-de-natureza-e-de-adrenalina-precisa-conhecer-formosa-em-goias/>.

² A ladainha, por exemplo, ainda é entoada em um Latim adaptado à variedade rural local, sendo que as rezadeiras em sua grande maioria são analfabetas e aprenderam as rezas antigas de cor com os antepassados, tradição trazida pelos colonizadores europeus.

³ Conforme Ribeiro (1995), esse tipo de partição nas atividades grupais era bastante comum no meio rural na formação do mutirão, assumindo importância crucial certas instituições solidárias, que permitiam dar e obter a colaboração de indivíduos nos empreendimentos que exigiam maior concentração de esforços tais como a derrubada de uma mata para o roçado, o plantio e a limpeza dos cultivos, a colheita das safras de arroz e de feijão e, eventualmente, a construção ou conserto de uma casa, uma ponte ou uma estrada.

⁴ Conforme Santos (2008), trata-se de um atributo de compreensão de mundo de uma sociedade de peculiar devoção popular, fonte de sentido para a realidade do fiel e esteio de sua identidade e sentimento de pertença.

na busca de um sentido de mundo dos foliões, no sentimento de pertença, na busca de diversão e no alívio espiritual por meio da devoção.

3 A CURRALEIRA OPERADORA DE MEMÓRIA SOCIAL

Hall (2006) discute a tensão que existe entre o “global” e o “local” na transformação das identidades e explica que a difusão do consumismo tem contribuído para o que ele chama de “mercado cultural”. Nesse sentido, o que se vê em geral é um fenômeno de homogeneização cultural, onde as diferenças e as distinções culturais, que até pouco tempo definiam a *identidade* de um povo, restaram reduzidas a uma espécie de moeda global.

Se esse efeito padronizador constitui uma séria ameaça às identidades locais, a memória social, por sua vez, passa a exercer um papel primordial na tarefa de mobilização de forças inter-pessoais no combate ao esquecimento. É isso que ocorre em comunidades como essas aqui abordadas. Segundo Hall (2006) é preciso lembrar, reviver, com as imagens e ideias de hoje, as experiências do passado, fazendo da memória um trabalho de reconstrução da identidade local.

Nesse cenário, a vivência desse acontecimento se torna parte constitutiva da história desses homens e mulheres aqui interpelados, estendendo-se aos limites da linguagem expressa pelos costumes e pelas manifestações culturais que os acompanham. A ideia que se tem da Curraleira enquanto manifestação cultural, operadora de memória social por meio de sua expressividade artística, na identificação do grupo, do lugar, do seu pertencimento, oferece uma possibilidade considerável de compreender os costumes e a força das relações sociais da região.

Enquanto personagens vivas e presentes na manifestação cultural do Cerrado goiano os operadores da Curraleira conduzem o grupo no seu processo de identificação, reconstruindo a força e a coesão, perpetuando a cultura popular em Goiás, além de estabelecer uma ligação intrínseca com o seu território, preservando-o o quanto possível das ameaças da ideologia do progresso.

4 O IMEDIATISMO NA CRISE SOCIOAMBIENTAL

Em *Quando gafanhoto significa relâmpago: como o conhecimento ecológico é codificado nas línguas ameaçadas* Stringer⁵ (2018) argumenta que mais linguistas têm se convencido de que a revitalização de línguas está intimamente ligada à preservação dos ambientes em que são faladas, além de compartilharem uma visão da conservação da diversidade biocultural. Em virtude dessa argumentação, entende-se que a língua e a cultura são sintomas de preservação ambiental e que, possíveis alterações no ecossistema natural, refletem no cenário sociolinguístico.

Para corroborar essa ideia Alexander (2018)⁶ em *‘Experiences of an Expatriate Englishman in Europe 1945 to Present: A Memoir’*, afirma, em suas reflexões autobiográficas, que as percepções e não percepções da crise ecológica e dos problemas ambientais tais como mudança climática, destruição de florestas e ecossistemas dos quais todas as espécies, incluindo os seres humanos, dependem não podem ser experimentadas aqui e agora. Aos poucos as mudanças vão acontecendo sem que se perceba o seu real motivo. Segundo o autor, essas mudanças não têm implicação sensorial visto que o ser humano busca resolver, principalmente, suas necessidades imediatas, não se importando com aquilo que pode acontecer em um futuro mais distante. O resultado é um acúmulo

⁵ Traduzido do inglês por João Nunes Avelar Filho (UEG-Campus Formosa) e publicado como texto convidado na Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem ECO-REBEL, v. 4, n. 2, 2018.

⁶ Texto republicado em 2018 por Grosvenor House Publishing Ltd ISBN 978-1-78623-246-5.

de agressões ao meio e ao próprio homem, o que pode ser sentido na poluição do ar, no envenenamento do solo e dos rios, na crise hídrica crescente, em toda espécie de problemas ambientais que agora experimentamos.

Há um déficit de quase tudo que faz a vida agradável e sustentável quando prevalece a ideia de que não temos mais tempo a perder. Decorre daí que atitudes imediatistas quase sempre constituem o caminho mais fácil encontrado para gerar lucros rapidamente. Desmata-se incontrolavelmente, extingue-se o bioma natural para dar espaço às monoculturas, consome-se muita água para atender a demanda de produção contínua, polui e desgasta-se o solo mais e mais, não se importando com as consequências. Os resultados são: menos diversidade, mais pragas, mais poluição, mais empobrecimento do solo. Tudo isso para produzir muito e gerar lucro. Hoje, fala-se mais em produção do que criação, resultado da projeção de curto prazo.

Às vezes pode parecer que determinada atitude seria favorável à vida, mas pode acontecer que isto se dá apenas em uma projeção de curto prazo. É preciso ter uma visão de longo prazo. A solução de um problema momentâneo pode implicar o aparecimento de problemas mais sérios e insolúveis no futuro. É preciso seguir os passos da natureza, pois ela não tem pressa e suas leis são invioláveis (COUTO, 2007, p. 109).

Esse alerta serve para atentar para ações predatórias que estão acontecendo em relação ao meio ambiente, sendo a crise cultural apenas o reflexo delas. Assim, é preciso evitar soluções imediatistas que só agravam a crise ambiental e, consecutivamente, a perda dos saberes e expressões culturais que estão a ela atrelados. Desse prisma, fica notória a relação entre a crise ambiental com as atitudes imediatistas.

5 ARTEFATOS E ALTERAÇÕES NA PAISAGEM DO CERRADO

Em *A Geografia cultural*, Claval (2007) afirma que a paisagem carrega a marca da cultura de determinados povos porque destaca as atividades produtivas dos homens, a maneira de trabalhar a terra, de utilizar tecnologias acessíveis, deixando a marca do homem sobre o meio ambiente. Depreende-se desse argumento que a mediação entre o homem e a natureza é constituída por um conjunto de artefatos, de saberes e conhecimentos que possibilitam uma convivência harmoniosa. Isso posto, o aumento do prestígio da linguagem regional implica um consequente aumento do esforço de preservação do meio ambiente, sendo essa uma atitude que visa impedir uma rápida degradação dos ecossistemas.

No extrato abaixo, pode-se ver o vínculo do homem rural ao espaço físico, a harmonia e as implicações que decorrem de alterações impostas por um desenvolvimento descontrolado:

nóis aqui, nóis bebe essa graça de Deus, os remédio casêro memo... Dismatá cabô cum as prantas. Eu num gosto, sabe? Quano vejo dismatá eu falo: meu Deus do céu, nossos remédio! Quando tem um cerrado, uma mata, assim, na chuva eu sóco lá e tchu (ARAÚJO; CABRERA, 2007, p. 39).

No trato atual da crise ecológica, é preciso mostrar que, tanto quanto a língua, a cultura está circunscrita ao meio, assim como os que a praticam. Para Couto (2007), o território é o componente mais concreto de uma comunidade, é o seu suporte material. O solo é a condição *sine qua non* para a sua existência. Dessarte, ao considerar o contexto da dança da Curraleira aqui contemplada é

possível, ao mesmo tempo, perceber que aqueles que lidam com a natureza mantêm um respeito e uma troca dos seus saberes e artefatos com a terra.

Ao considerar a folia na qual a dança da Curraleira está inserida percebe-se que essa festa é enriquecida de significados, prestigiando a música, a comida, a linguagem, os costumes e as tradições do povo. O folclore anda lado a lado com o sentimento de espiritualidade dos participantes. Nesse espaço, a Curraleira ganha vida e anima cada pouso e cada parada em que os devotos cavaleiros apeiam para descansar, rezar e brincar a dança ao redor do fogo. A dança identifica a relação do povo com o seu meio e a relação deles entre si.

A comunidade rural de Chapada, o município de Flores de Goiás, onde este estudo foi realizado, padece com as alterações socioambientais que vêm acontecendo com o avanço do agronegócio nos últimos anos. Verificam-se ali alterações ambientais de coexistência da diversidade agrícola dos pequenos produtores com a monocultura das lavouras (arroz, soja e milho, principalmente) e a criação de gado dos grandes latifúndios. O resultado disso tem sido exatamente uma degradação do meio, facilmente percebida durante os dias em que estivemos na festa da folia. Os foliões, moradores da região, já não usam mais a água do rio Santa Maria por causa do alto índice de agrotóxicos que tem sido lançado nele, decorrente do enxurro de venenos das lavouras da monocultura. O plantio de eucaliptos é outra ação agressora que tem tomado parte do território, causando um desgaste do solo, além da diminuição dos recursos hídricos nas pequenas propriedades que ainda existem no local.

Diante desse cenário, as poucas marcas visíveis de práticas culturais como a Curraleira coincidem com a constante busca de preservação do Cerrado e o resguardo de um pouco de vida nativa da região. A dança da Curraleira é uma das poucas expressões culturais que ainda resistem na Chapada. Trata-se de um resquício de cultura popular que carrega um pouco do que restou na memória da comunidade e que ainda marca o vínculo do homem ao seu território.

A visão de mundo que emerge dessa prática, na identificação e coesão do grupo por meio dessas crenças e ritos de cultura popular, traduz-se como um forte elemento integrador e uma estratégia de busca para a sobrevivência desse patrimônio imaterial constituído pela dança, e que também auxilia na preservação ambiental.

Mesclada com a religiosidade popular a dança tem sido uma maneira de manter o homem no seu território, um costume antigo que é a essência dessas manifestações. A dança da Curraleira é, pois, uma vertente profana da folia, um *avatar* da festa religiosa num período em que se vê mais um futuro coletivo, e não individual, em que a humanidade é libertada do pecado original no profano, quando nada é proibido.

Portanto, nessa reflexão a memória conta como um elemento imprescindível no resgate e na preservação das práticas e dos ritos populares coletivos, consistindo-se numa atividade mnemônica de contemplar a cultura *Folk* camponesa. Isso faz lembrar que é preciso levar a sério o conhecimento popular enquanto expressão de vida da coletividade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É um equívoco pensar que basta uma atitude individual para evitar a devastação dos ecossistemas naturais e do consecutivo apagamento dos saberes e expressões culturais. O problema precisa ser visto de uma perspectiva coletiva e global, pois o conhecimento ecológico é codificado por meio de línguas e culturas ameaçadas e, como se vê, não depende exclusivamente da ação de um único indivíduo.

A ideologia do progresso nos leva a uma visão de mundo que se pauta pelo crescente consumismo. Uma mudança de mentalidade está intimamente relacionada à luta contra os interesses comerciais que conduzem o mundo a um quadro irreversível de destruição. Essa luta tem a ver com a mobilização de forças contra o sistema que promove o lucro em detrimento da vida e revela que o problema é estrutural. Políticas públicas que confrontem a ganância do mercado podem conter o consumismo que nos cega para os problemas socioambientais. Porém, são as tradições e práticas culturais que consistem no jogo de mobilização da memória na tentativa de deslindar a crise ambiental, porquanto uma está intrinsecamente relacionada à outra.

A indústria cultural global tem sido apelativamente homogeneizante, sendo necessário valorizar o conhecimento local de povos originários nas suas narrativas, suas crenças e seus mitos, transmitidos de geração para geração.

Se um saber ou conhecimento deixa de existir é porque, de alguma forma, já ocorreram alterações ao meio. Quando a importância dos fenômenos linguístico-culturais é diminuída é sinal de que alguma coisa já foi subtraída na natureza.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, R. J. *Experiences of an expatriate englishman in Europe: 1945 to present: a memoir: extracts on ecolinguistics from my autobiography [...]*. Reino Unido: Grosvenor House, 2018. Disponível em: www.amazon.co.uk. Acesso em: 26 maio 2015.

ARAÚJO, A. M. de; CABRERA, O. *Comunidade Negra no Cerrado: narrativas de curas e remédios*. Goiânia: CECAB, 2007.

AVELAR FILHO, J. N. *Uma visão ecolinguística da folia da roça de Formosa (GO)*. 2015. 156 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

CLAVAL, P. *A Geografia cultural*. Florianópolis: UFSC, 2007.

COUTO, H. H. do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

RIBEIRO, D. O Brasil caipira. In: RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: formação e o sentido do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995. p. 364-407.

SANTOS, L. B. D. *Ética da súplica: catolicismo popular em Goiás no final do século XIX*. Goiânia: UCG, 2008.

SEGREDOS do mundo: se você gosta de natureza e de adrenalina precisa conhecer Formosa, em Goiás. 2017. Disponível em: <https://segredosdomundo.r7.com/se-voce-gosta-de-natureza-e-de-adrenalina-precisa-conhecer-formosa-em-goias/>. Acesso em: 28 ago. 2017.

STRINGER, D. Quando gafanhoto significa relâmpago: como o conhecimento ecológico é codificado nas línguas ameaçadas. Traduzido do inglês por João Nunes Avelar Filho. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, v. 4, n. 2, p. 41-48, 2018.